

PAULO EULER

Agricultura, um artigo indefinido

Se algum ficcionista criasse um país onde um terço de sua população morresse de fome enquanto um quinto da sua produção de alimentos era jogada no lixo e que depois importasse novos alimentos de países concorrentes e ainda por cima taxasse seus próprios produtos de exportação, certamente teria sua história recusada por excesso de disparates, para usar palavra suave. Mas, como dizem os narradores de certos programas de televisão, a realidade supera em muito a fantasia e, acreditem se quiserem, o Brasil existe.

Certas expressões já caíram no vazio, ainda que representando a mais solene das verdades, o uso, ou melhor, a repetição indiscriminada, ao contrário do que acontece com a mentira, que se torna verdade, termina por desacreditá-las, transforma-se em galhofa.

Todos estamos mais que cansados de saber quais são os problemas que o país enfrenta e quais as soluções possíveis, que, por incrível coincidência, passam pela agricultura. Governantes, políticos, líderes empresariais, sindicalistas, todos são unânimes em afirmar que o caminho do desenvolvimento passa primeiro pelo combate à fome e esta se combate com alimentos produzidos pela agricultura. Outro dado: o desemprego. É sabido que nenhuma outra atividade gera mais empregos que a agricultura (considerando aí a agroindústria e suas ramificações — máquinas agrícolas, adubos, agrotóxicos, embalagens, tecidos e toda a cadeia que vai do setor primário ao terciário).

A agricultura contribui com mais da metade do PIB nacional e ainda assim, há algumas décadas, o



"O sonho de dom

Brasil não consegue definir uma política agrícola coerente, estável e, como resultado, vemos os campos esvaziarem-se e os centros

Bosco virou quase pesadelo em apenas 30 anos e hoje caminhamos para a região metropolitana...

urbanos implodirem com o êxodo rural. Mas a retórica oficial continua insistindo que vai priorizar o campo, apoiar o produtor rural, fazer e acontecer. Celebram com estardalhaço uma safra de grãos de 62 a 70 milhões de toneladas, esquecendo-se que isso é quase ridículo comparado com o que teríamos condições de produzir, se considerarmos as condições e tecnologias de que dispomos. O mais incrível é que essa doença pega. É altamente contagiosa e passa do nível federal para o estadual e municipal. A título de ilustração, podemos considerar o próprio caso do Distrito Federal, onde já se formularam os planos e programas mais bem intencionados e fundamentados desde que foram criados a capital da República e os chamados "cinturões verdes" que deveriam abastecer a população com alimentos, garantir os mananciais e assegurar emprego para um expressivo contingente de mão-de-obra que seria desmobilizado com a consolidação da cidade. Brasília cresceu e suas satélites mais ainda. O sonho de Dom Bosco virou um quase pesadelo em apenas 30 anos e hoje caminhamos para a região metropolitana de Brasília que abarca o entorno e ameaça ir mais além.

Mais uma vez, a solução para o problema está na agricultura. A fixação das sucessivas ondas de migrantes em áreas de produção agropecuária no DF e no Entorno parece ser a única forma de se evitar a sobrecarga nos equipamentos urbanos e a desfiguração de todo o Plano Piloto — patrimônio cultural da humanidade. Entretanto, em que pesem os programas e projetos anunciados, há que implementá-los de fato. Fazer com que saiam do papel e deixar que os produtores rurais tenham condições de mostrar a sua competência, sem o cipoal de entraves burocráticos que costumam encontrar pela frente.

■ Paulo Euler é redator do *Jornal de Brasília*